

A

Casa da

Grande Colina

Catia Schmaedecke

A

Casa da

Grande Colina

- Edição 1 -

Porto Alegre – RS

2015

Copyright © 2015 Catia Schmaedecke

Capa

Rodrigo Sant'Anna

CriativaPlus Studio

www.criativaplus.com.br

Foto de quarta capa

Peter Schmaedecke

Texto de quarta capa

Débora Corrêa Leal

Diagramação

Editora Garcia

Revisão

Elaine Ana Martini da Silva

(Letras – Língua Portuguesa/ Literatura – PUC – RS)

Grafia analisada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa que entrou em vigor no Brasil a partir do ano de 2009

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Schmaedecke, Catia
A casa da grande colina / Catia Schmaedecke. --
1. ed. -- Porto Alegre, RS : Ed. do Autor, 2015.

ISBN 978-85-919-8041-3

1. Ficção brasileira I. Título.

15-09287

CDD-869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, gravação, armazenamentos em sistemas eletrônicos, fotocopiados e/ou escaneados sem a prévia autorização da autora.

Bem como compartilhamentos que não citem sua verdadeira autoria.

Visite o site: www.catiaschmaedecke.wordpress.com

Atendimento e venda direta ao leitor:

catiaschmaedecke@gmail.com

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2015

*“Erros são, no final das contas, fundamentos da verdade.
Se um homem não sabe o que uma coisa é, já é um
avanço do conhecimento saber o que ela não é.”*

(Carl Jung)

Sumário

Apresentação e Agradecimentos – 9

Nota da Autora – 11

Introdução – 13

Parte I

Capítulo UM- Ano 2026 - 17

- Porto Alegre – Capital do Est. do RS – Ano 1992 – 19

Capítulo DOIS – 1997 – BENEDETTA – 31

- MIGUEL – 35

- MARGOT - 39

Capítulo TRÊS – 47

Capítulo QUATRO - 59

- MARCANTONIO – 69

Capítulo CINCO – 73

- IMÓVEL DE GUAÍBA – 79

Capítulo SEIS – AGOSTINA E GIUSEPPE – 83

Capítulo SETE – PADRE AFONSO – 91

Capítulo OITO – 101

Capítulo NOVE – 107

- ENIO ROCCO SALVATORE – 111

Capítulo DEZ – 129

Parte II

Capítulo UM – 2010 – 137

Capítulo DOIS – 147

- ROSSANA – 149

Capítulo TRÊS – 169

Capítulo QUATRO – 181

Capítulo CINCO – 2011 – 195

Capítulo SEIS - 223

Capítulo SETE – 249

Capítulo OITO – 261

Capítulo NOVE - 2026 - “O Futuro é Agora” – 265

Referências/Fontes de Pesquisas/Nota – 273

Sobre a autora – 277

Nota da autora

Esta é uma obra de ficção dedicada a todos que indagam a si mesmos a respeito da existência de outras dimensões.
E quanto às influências positivas e/ou negativas que isso acarreta às vidas humanas.

As personagens e seus nomes foram criados por mim, não possuindo qualquer relação com pessoas da vida real.

Este livro tampouco deve servir como base para estudos.

A história começa pelo fim.

Introdução

“- Neste momento estou deitado na relva. Atirei-me aqui para alongar as pernas após beber água e me sentir mais relaxado. Olho para o céu. Algumas nuvens brancas exibem formatos de animais, então me lembrei de escrever. Do meu lado esquerdo há uma frondosa roseira com sua cortina de pequenas rosas vermelhas. Estou deitado sob a sua sombra. Do meu lado direito, no chão, minha bicicleta aguarda paciente e corajosa. Sobre ela coloquei a mochila e o boné. Não tenho muita pressa porque estou em férias. Saí de casa pedalando sem destino, então resolvi seguir pelo asfalto até quando minhas pernas pudessem aguentar. Aproveito agora para descansar pensando sobre a minha vida. Algo me diz que em breve vou precisar ganhar meu próprio dinheiro, pois preciso de muitas coisas que ninguém pode comprar para mim. Estou aqui pensando em como as coisas seriam se meu pai estivesse vivo. Bem, eu não me lembro dos meus pais porque era muito pequeno quando eles faleceram. Se eu conseguisse me lembrar, ao menos, um pouquinho... De repente ouvi ao longe, quebrando o silêncio, o latido forte de um cachorro; ergo-me um pouco e me apoio nos cotovelos para observar o que tem mais ao meu redor. Há um caminho estreito de terra logo mais à frente do outro lado da estrada. Numa placa grande está escrito que ali é uma entrada de vinícola. Na escola eu sempre ouço que essa região é bastante conhecida por ser um lugar de plantações de uvas. Enquanto descanso, sinto seu aroma adocicado que paira pelo ar. Logo a noite vai cair e eu preciso levantar daqui. Pedalei bastante dessa vez, estou suado e exausto. Na próxima semana eu venho mais bem equipado. Sairei de casa bem cedo, abastecerei a mochila com lanche e muita água. Preciso convencer o Norton a acompanhar-me para que ele filme. Por hoje é só. - Michael-.”

À entrada da Vinícola Sorrentino, o vira-lata balançava sua cauda comprida latindo agitado em direção a um brilho imperceptível aos olhos humanos. A luz tênue que parecia emanar do solo rodopiava à altura de suas vistas tal como em um balé sincronizado. Sob o eucalipto, o espírito de Miguel brincava com o peludo para tentar chamar a atenção do rapaz que no lado oposto da estrada, erguia sua bicicleta do chão preparando-se para seguir adiante.

- Parte I -

Capítulo

UM

Ano

2026

“Pelos corredores da grande galeria a presença de ratos e baratas é constante. A umidade vertendo pelas paredes dá ao lugar um aspecto de total abandono. Ali as condições de sobrevivência são tão insalubres que até mesmo o ar, pesado ao extremo, impede que os detentos respirem normalmente. Seres humanos cruéis, violentos, ficam enjaulados nesse presídio, monitorados vinte e quatro horas por dia. O regime de clausura é quebrado vez ou outra quando alguém, por bom comportamento, conquista o direito de ficar mais tempo no pátio. Os presidiários amontoam-se. O lugar, construído para comportar um terço das pessoas que ali estão, encontra-se tão superlotado que até mesmo dar um passo torna-se tarefa árdua. Algumas redes penduradas no teto estão abertas com dois homens deitados em posição contrária em cada uma delas. Enquanto dormem esgotados em meio ao caos, outros dois esperam em pé por sua vez de fechar os olhos. Alguns se acomodam como podem no piso úmido, sujo. As privadas são buracos no chão. Não há vasos sanitários e na única pia existente o cano está sem água. Nesse lugar, no sudeste do País ele está em seu pior dia, o de limpar as privadas. Zenon Gasparin é o homem que foi preso por engano, e que embora tenha sido julgado e condenado é, de fato, inocente. Homem atlético, de aparência saudável, ele não cansa de repetir sua história a quem se disponha a ouvi-lo.

É ali onde não existem paredes ou qualquer divisória separando a cela das privadas, que Zenon começa a executar a tarefa quase impossível de desinfetar o local pegando o balde com a água que trouxe da torneira lá do pátio e misturando a ela um litro de cloro. Em seguida despeja-a com força no buraco imundo. Com o odor terrivelmente fétido que se alastra de modo instantâneo, alguns ficam nauseados e vomitam. Todos aos berros reclamam da situação. Um deles abaixa-se, enfia os dedos em uma pequena fenda próxima ao chão da parede no fundo da cela, puxa um isqueiro que escamoteara ali na noite anterior e atea fogo num colchão. Todos passam de

um ao outro as redes, toalhas, panos e jornais velhos para aumentar o incêndio. A fumaça escura e tóxica rapidamente toma conta dos corredores, grande parte dela sai pelas pequenas aberturas próximas do teto. Os homens gritam batendo com força suas canecas entre as grades. Outros presos nas celas laterais fazem o mesmo. Sufocados, se aglomeram uns por cima dos outros se empurrando desesperados até que os portões são abertos pelos guardas. Todos saltam para fora como uma manada desgovernada de animais furiosos. No tumulto, aqueles que caem no chão são pisoteados. Cada cela possui um líder e dois capangas incansáveis que o seguem. Quatro deles invadem a sala do Diretor fazendo-o refém. Impossibilitados de alcançar a área externa, os mais fortes comandam a todos através das escadas até a saída para a cobertura do prédio. Estão munidos de facões improvisados, canivetes, porretes. Zenon está caído nos degraus, respira com dificuldade, sente as costelas quebradas. Rapidamente o pegam pelos braços e pernas, jogando-o para o lado de fora. Sobre o cimento frio ele fica imóvel esperando pelo pior. Um helicóptero de uma rede de TV sobrevoa então o presídio, filmando o caos que tomou conta do lugar como rastilho de pólvora.

A rebelião está apenas começando.”

Porto Alegre – Capital do Estado do Rio Grande do Sul – Brasil

Ano

1992

Trabalhando como funcionária de limpeza ela nunca sentiu vontade de trocar de profissão, ao contrário disso, gostava muito do lugar, das pessoas que ali passavam que, de tão acostumadas com sua presença, cumprimentavam-na sempre de modo carinhoso. Com o passar do tempo foi sendo requisitada também para as mais diversas tarefas, aproveitando essas ocasiões para ampliar o seu campo de trabalho e conhecer, um pouco mais, a cada funcionário daquele centro comercial. Assim, trabalhando com presteza, além de efetuar a limpeza geral ela, também, entregava os jornais e os lanches. Algumas vezes era solicitada para alcançar do décimo segundo ao décimo quinto andar algum envelope contendo o que chamava de “documentos importantes”. Nessas ocasiões era contatada por Valeska, a secretária do patrão que, naquele sábado ensolarado, havia sido dispensada mais cedo. Foi assim que ela teve o primeiro contato com Dr. Miguel, dentro do escritório dele, ali mesmo na capital.

O proprietário da Vinícola Sorrentino, um conceituado centro de produção de vinhos originário da serra, tratava a todos de modo cordial, porém fazendo sempre questão de manter certa distância. Com o tempo a atitude do patrão passou a intrigá-la, pois ele era o único de quem ela ainda não havia conseguido se aproximar. Nos últimos anos ele se tornara o principal motivo para que, de fato, ela não quisesse trocar de emprego.

Quando atendeu o chamado na sala de serviços gerais, ao entardecer, de imediato reconheceu sua voz. Tantas vezes ele a tinha cumprimentado ao entrar no edifício que ela poderia identificá-lo ao telefone, seguramente, num piscar de olhos. Do outro lado da linha o patrão solicitava a presença imediata de alguém da limpeza em seu gabinete no décimo quinto andar. De preferência um homem, pois a limpeza urgente necessitava de mãos e braços masculinos. Ela agarrara-se àquela oportunidade com unhas e dentes. Ao entrar no escritório do Dr. Miguel, balde e vassoura nas mãos, um tanto constrangida disse que não havia homens da limpeza naquele turno. Somente ela e outras três funcionárias que, no momento da chamada, se preparavam para voltar às

suas moradias. Miguel, demonstrando certa contrariedade, preparou-se para ajudá-la a recolher os cacos de vidros espalhados pelo chão. De modo desastrado havia esbarrado na bandeja com a taça e a garrafa do novo produto servido para sua apreciação. Tratava-se de uma bebida recém-lançada no mercado por um antigo concorrente.

-Terei que mandar Valeska providenciar outra garrafa. - ele pensou, demonstrando frustração ao olhar para baixo.

Sentia-se incomodado. O piso recoberto por cacos e vinho tinto necessitava de limpeza urgente provocando-lhe grande mal-estar, uma vez que era imprescindível que o escritório estivesse sempre impecável.

O aroma etílico do cabernet impregnava o ambiente deixando seu rastro adocicado pelo ar, algo que fez com que ela se sentisse um pouco mais à vontade. Antes de bater à porta retirara de propósito a touca que era obrigada a usar como parte do uniforme e, dobrando-a com cuidado, guardara-a no bolso do macacão. Seus longos cabelos negros caíam-lhe agora um tanto displicentes, pelos ombros. Embora estivesse usando a vestimenta cinza da equipe de limpeza, ela tinha consciência de que o contraste dos cabelos escuros com os olhos azuis ao tom amorenado de sua pele, sempre causava certo impacto. Uma admiração incomum às pessoas. Então se abaixou começando a juntar os cacos um a um, amontoando-os cuidadosamente em cima de algumas folhas de jornal. Usava luvas de borracha procurando efetuar os movimentos de forma cautelosa, tentando, assim, aumentar a permanência naquela sala pelo maior tempo possível. Miguel, bastante irritado, desabotoou os punhos da camisa, e dobrando as mangas, pôs-se a ajudá-la.

Enquanto efetuava a limpeza ela aproveitava para observar o ambiente à sua volta. Fartas camadas sobrepostas de tecido marfim pendiam do teto até o chão ladeando as grandes janelas. A luz natural banhava o ambiente com reflexos dourados, anunciando o espetacular pôr do sol que ocorreria dentro de poucos minutos. Dali do décimo quinto andar podia-se apreciar a agradável vista do lago Guaíba com suas ilhas verdejantes, desde os trilhos do trem localizados em paralelo à Avenida Mauá, à frente do Cais, até o outro lado da margem onde se situava a cidade que também se chamava Guaíba. No horizonte o sol despedia-se rápido, propiciando uma paisagem colorida sobre o fundo azul celeste. Como pinceladas em dégradé, o efeito das cores variava

desde a tonalidade amarelo-dourada até o vermelho mais intenso, recebendo rajadas de alaranjados aqui e acolá ao se dispersar em direção ao infinito. Ela nunca tinha entrado em seu escritório antes. Bem por isso de imediato sentiu um forte desejo de parar tudo o que estava fazendo, para contemplar a paisagem radiante que se formava rápido lá fora.

Pelos cantos dos olhos aproveitou, então, para observar a decoração sóbria, requintada, com suas grandes poltronas de couro marrom. Mesas redondas, auxiliares, compunham o cenário clássico, muito elegante, característico da serra gaúcha. Uma das paredes exibia grossa lâmina de madeira escura, expondo grandes quadros com imagens de cachos de uvas e garrafas de vinhos. Abaixo dos quadros uma lareira de concreto parecia aguardar, pacientemente, pelo instante em que seria usada. À parede atrás da mesa do Dr. Miguel a gigantesca estante encontrava-se repleta de livros. Engatada a ela, mantida à esquerda, uma escada de correr. Ao pensar, ingenuamente, que ali só se achava livros sobre vinhos, ela quase soltou o riso, imaginando-o atrapalhado como aparentava ser, tentando colocá-los em ordem após minuciosa pesquisa.

Em seus devaneios mal pôde perceber o exato instante em que ele parou de catar os cacos e passou a olhá-la fixamente nos olhos. Os dois assim abaixados, quase rentes ao chão, pareciam como duas crianças prestes a rolar naquele líquido bordô brincando de lambuzar-se. Apesar de já aguardar por aquele momento, ela se sentiu despida pelo olhar do patrão ali abaixado à sua frente. Porém sabia que não podia deixar aquela oportunidade passar. Assim, tratando de sorrir, procurou manter os olhos fixos nos dele satisfeita por ter conseguido chamar sua atenção. Ele encontrava-se agora bastante perturbado pela presença da jovem funcionária. Embora não estivesse acostumado a aproximar-se dos serviçais mais que o suficiente para manter um contato profissional com todos percebia, com clareza, que aquela moça destoava, por completo, de sua função. Então, de um impulso ficou em pé fazendo com que ela tomasse a mesma atitude para si. Cauteloso, deu dois passos atrás para retomar o fôlego.

-Como tu te chamas? – perguntou em seguida um tanto desconfiado.

-Benedetta Francesca Gasparin, *signore*. *Ma tutti mi chiámano Bêne*. – acanhada, ela desviou o olhar para baixo. Tinha respondido, inesperadamente,

com o carregado sotaque italiano dos imigrantes do interior do Rio Grande do Sul. Aquilo não estivera em seus planos. Há muitos anos já não falava com a musicalidade proveniente das terras de sua mãe. De algum modo reportara-se ao passado, à infância na cidade pequena e aos gritos vindos da porta da velha casa de madeira ao chamá-la ao final do dia.

“_ *Benedetta Francesca, “entra pra dentro” que já passó da hora! Dios Mio, dove se enfió questa ragazza?”.*

- gritava Dona Agostina -.

Miguel estava atordoado. O nome da moça era tão inadequado àquela função quanto a sua própria imagem. Tinha consciência de que o requisito imprescindível para a admissão de um candidato à Empresa Sorrentino era que necessitava ser descendente de italianos, tudo o mais seria ensinado. Tal prática dava maior credibilidade aos negócios, pois transmitia aos clientes e investidores a ideia de empresa familiar e, em se tratando de produção de vinhos, essa peculiaridade era algo que fazia toda a diferença. Porém, não conseguia compreender como aquela moça linda, de traços finos, delicados, tinha ido parar na equipe de serviços gerais.

Benê olhava-o com atenção. Dr. Miguel era alto, e muito interessante. Não se podia dizer que era um homem bonito. Não, isso não. Porém, interessante sim. Ombros largos, pele alva; suas mãos grandes e fortes transmitiam segurança. O olhar firme, compenetrado, de uma tonalidade acinzentada, denunciava um homem bastante observador. Até mesmo o nariz fino, longo e levemente adunco, proporcionava-lhe certo ar de aristocracia. Ela apaixonara-se por ele no primeiro instante em que o vira quando, ao ingressar ali, levada pelas mãos da mãe, contava apenas dezessete anos. Desde então, haviam se passado quatro anos e Benê, até aquele momento, aos vinte e um anos de idade, não quisera fazer outra coisa na vida. Trabalhar em outro lugar estava fora de cogitação. Então passou a invejar secretamente a boa sorte de Dona Margot, contentando-se em receber do patrão breves cumprimentos ao entrar no centro comercial e ao sair dele, sonhando com o dia em que ele a enxergaria de verdade como agora. Somente há pouco tempo reunira coragem para tentar chamar sua atenção.

Admitida por Margot Bianchi Sorrentino, a esposa de Miguel, ela se lembrou do momento em que sua mãe, muito emocionada pela primeira

oportunidade dada à filha, beijou as mãos da patroa, agradecendo-lhe repetidas vezes com aquele sotaque italiano.

“_ *Grazie Signora, Grazie molto. Dal profondo del mio cuore. De corazón!*”-

Repetira incansável a humilde Agostina Gasparin, para logo em seguida deixar sua filha ali, retornando a serra, pois também havia sido admitida, porém para o cultivo das parreiras. Sua mãe jamais se acostumaria com o corre-corre de uma cidade grande como Porto Alegre. Antes de partir Dona Agostina fizera-lhe inúmeras recomendações, pedindo repetidas vezes que a menina seguisse as orientações da patroa. As duas se encontrariam no próximo verão quando entrassem em férias. Benê se lembrou do desconforto que sentira àquela ocasião, porém, resignada ao seu destino, não desejava desagradar à mãe já tão sofrida pelas dificuldades da vida por demais modesta que levavam. Seus dois irmãos Luigi e Franco, à época com dez e doze anos, ainda precisariam ser acompanhados de perto por mais algum tempo.

Margot a olhou de alto a baixo dizendo que Benedetta, estando muito magrinha, precisava alimentar-se melhor. Pegou no rosto da menina, e virando-o de um lado ao outro falou que providenciaria um médico dermatologista para examinar suas faces recobertas pela acne abundante, bastante comum naquela idade. Benê obedeceu à patroa como a mãe havia-lhe mandado, agradecendo várias vezes à *signora* quando, finalmente, após o longo tratamento sua pele começou a tomar novo viço. Após dois anos ela, enfim, desabrochou, tornando-se uma moça de gestos delicados e voz pausada. Seu corpo, antes magro demais, com o passar do tempo adquirira músculos firmes e curvas bem torneadas.

Agora sabia que não haveria outra oportunidade para estar tão próxima de Miguel. Então, pedindo-lhe licença, apontou para o chão pondo-se a trabalhar na limpeza do assoalho. Rápida e eficiente, em pouco tempo o piso retomava o brilho. Enquanto a moça terminava o serviço ele foi sentar-se e, fingindo estar absorto nos papéis espalhados sobre a mesa, de vez em quando lançava olhares furtivos aos movimentos da linda funcionária da limpeza. Naquele exato instante ele passou a sentir por ela uma atração física inexplicável.

Benê, concluindo a tarefa, tratou de juntar seu material, encaminhando-se devagar para a saída. Enfim, não havia mais nada a fazer ali. Miguel saltou

da cadeira e, gentilmente, foi abrir a porta para que a moça pudesse sair. Os dois trocaram um último olhar antes de a porta fechar-se vagarosamente atrás da bela *ragazza*.

Benedetta sentira-se tão bem em companhia dele naqueles breves instantes, mal podendo acreditar que a realidade de não fazer parte da vida do patrão era, de fato, o seu cotidiano.

Após aquele primeiro contato, ele não sossegara mais. A imagem da menina o acompanhara durante a noite inteira. Fizera de tudo para tirá-la dos pensamentos, tentando, em vão, concentrar-se no trabalho. Durante uma semana Miguel a procurou todos os dias ao ingressar no centro comercial, e todos os dias ela escondeu-se dele para deixá-lo ainda mais curioso. O patrão era pontual e Benê, sabendo o horário exato em que ele chegava ao prédio, tratava de esconder-se no banheiro saindo de lá somente quinze minutos depois.

Passada uma semana, quando ele já estava intrigado o bastante, a menina adotou uma postura compenetrada, posicionando-se de frente para a porta no instante em que ele acabava de chegar. Com os cabelos soltos levemente desalinhados, lábios umedecidos, respiração ofegante, ela abriu o zíper do macacão, deixando à mostra parte das curvas dos seios. Fixou então o olhar azul nos olhos de Miguel, de tal maneira, que o deixou desconcertado. Logo em seguida disfarçou o interesse virando-se de lado. Num movimento experiente enrolou a cabeleira segurando-a bem no alto da cabeça com uma das mãos, enquanto com a outra mão tirou do bolso do macacão a touca do uniforme, vestindo-a rapidamente. Ao perceber que ele se aproximava a passos largos, ligeiro pegou o material de limpeza começando a trabalhar. Algumas pessoas chegando ao trabalho passaram no meio dos dois e Benê, fingindo concentração na tarefa, tratou de recolher o material, desaparecendo logo em seguida pela porta de serviço. Atônito, somente após alguns segundos ele encaminhou-se ao elevador para subir até o gabinete. Aquela moça realmente mexia com seus mais profundos instintos. Naquele dia Miguel não conseguiu trabalhar direito.

Ela jamais se comportara de modo sedutor antes e sequer sabia se tinha feito certo, mas intuindo que, aos poucos, se aproximava de seu objetivo, tratou de esconder-se por mais uma longa semana, durante todos os momentos em

que percebera que ele a procurava. Ao final daquela segunda semana uma chuva torrencial inundou a cidade no momento em que os funcionários chegavam de manhã cedo ao centro comercial. Benedetta foi surpreendida, ao ingressar molhada da cabeça aos pés pela entrada de serviço, deparando-se com Miguel esperando-a ali com uma toalha em mãos. Sem conseguir conter-se, ele solicitara à Valeska que descobrisse o horário exato em que a equipe de serviços gerais chegava ao trabalho, decidindo ele mesmo, naquele dia, antecipar-se a todos. Ao alcançar a toalha à Benê, pediu que ela fosse ao seu encontro, pontualmente, às quinze horas em frente à chaminé do Gasômetro. Dirigindo-se logo em seguida ao elevador, aquela fora a vez dele deixá-la atônita.

Embora o sol tivesse voltado a brilhar, as árvores do Parque Harmonia, na orla do Guaíba, ainda gotejavam de suas folhas os últimos pingos de chuva quando ela chegou ao local marcado, meia hora antes. Ansiosa pelo encontro com Miguel tomara uma ducha rápida no vestiário da empresa, saindo logo em seguida. Tentando acalmar-se caminhando pela Avenida Beira Rio, Benê olhava o relógio a cada cinco minutos parecendo-lhe intermináveis. Naquela tarde de sexta-feira, enquanto alguns casais observavam o vai e vem dos velejadores treinando para a regata do dia seguinte, os biguás em seus voos rasantes avançavam pela superfície da água em busca de alimento. Uma grande tenda de circo fora montada bem ao lado da Usina do Gasômetro. A trupe circense movimentava-se de um lado ao outro, concluindo seus últimos preparativos para o grande show. As cores vibrantes da gigantesca lona, ainda umedecida pela chuva, destacavam-se ali ao lado de um grande cartaz, anunciando em letras maiúsculas, o espetáculo que estrearia logo mais à noite.

Miguel estacionou o carro no local de onde podia observar os movimentos dela sem ser notado. Admirando de longe a silhueta de Benê, tentava raciocinar sobre o que estava prestes a fazer. Para ele, tudo nela era extremamente encantador. Embora tivesse consciência de sua pouca idade, a maneira como caminhava, o jeito envolvente do olhar e o sorriso suave daquela moça, fazia-o esquecer-se da condição de homem mais velho e casado.

“-Não, não queria pensar em seu casamento naquele momento.” - Pelo modo como ela o havia olhado, tivera certeza absoluta que iria ao seu encontro. Uma senhora muito simpática, de chapéu de palha e vestido estampado, caminhava

entre os carros carregando a cesta de flores num dos braços. Com a outra mão abanava um lenço branco acima da cabeça tentando chamar a atenção das pessoas. Miguel baixou a janela chamando-a discretamente. Comprou apenas um botão de rosa vermelha e, sinalizando com a mão, pediu-lhe que o entregasse àquela moça vestida de azul, de longos cabelos escuros que estava de costas para eles. A florista aproximou-se de Benê e ao entregar a rosa, fez apenas um sinal com a cabeça em direção ao carro de Miguel. Benedetta, com a flor nas mãos, sentia o coração acelerar à medida que aproximava-se pouco a pouco do automóvel. Quando, enfim, conseguiu sentar no banco do carona, seu corpo tremia involuntariamente. Sem nada dizer, Miguel apenas tomou a mão esquerda de Benê, levando-a até os próprios lábios, e em seguida deu partida. O silêncio envolveu-os de tal maneira, que nenhum dos dois conseguia emitir uma palavra. Ela vestia uma blusa azul, acentuando ainda mais a cor de seus olhos. Quando Miguel estacionou o carro na praia de Ipanema e seus olhares se cruzaram, de imediato ele experimentou o sentimento da primeira vez em que a vira, no dia em que juntos haviam recolhido os cacos de vidro do chão do escritório.

Embora Benê tentasse a todo o custo aparentar naturalidade, ele percebera suas mãos trêmulas no instante em que a tocara. O brilho nos olhos da menina denunciava, naquele momento, que estava perdidamente apaixonada por ele. Enquanto a olhava, Miguel tentava adivinhar quantos homens já tinham ficado com aquela linda moça, imaginando que, certamente, ela já teria passado por alguns. Benedetta demonstrava um misto de doçura e delicadeza com uma independência bastante incomum para a sua pouca idade.

Foi ela quem primeiro quebrou o longo silêncio quando, com a voz abafada, perguntou quase num sussurro, o que eles estavam fazendo ali. Miguel, encostado na porta do carro com os braços cruzados, apenas sorriu. Então, com o olhar firme e a voz grave, calmamente repetiu o que ela disse, devolvendo-lhe a pergunta. Sentia-se dono da situação, totalmente à vontade para levar adiante o joguinho de sedução que ela começara tão segura de si e que, no entanto, no momento em que ele aceitava entrar na brincadeira, ela demonstrava tanta insegurança. Benê, segurando com força as alças da bolsa sobre o colo, em vão tentava fazer com que suas mãos parassem de tremer. Sem conseguir sustentar o olhar de Miguel, ela baixou os olhos sentindo-se

constrangida. Esteve apaixonada por ele durante todos aqueles anos, sonhara inúmeras vezes com aquele momento que, no início, parecera-lhe um sonho impossível, e quando, enfim, estavam a sós, não sabia o que dizer. Sabia que era errado estar ali com o patrão. Lembrou-se do quanto havia sido bem tratada por Dona Margot, e das palavras da mãe quando a deixara na empresa para trabalhar. Então de súbito, sem ter mais forças para suportar a situação, ela deixou de impor qualquer resistência às emoções, dando início a um choro repentino.

Sem que soubesse antes, com aquela reação espontânea, ela fisgou o coração de Miguel quase que instantaneamente. Não suportando ver uma mulher chorar, sem compreender muito bem o que estava acontecendo, de imediato ele sentiu vontade de abraçá-la, reconfortando-a, e dizer-lhe que não deixaria nada de ruim acontecer. Ao procurar no porta-luvas um lenço de papel, ele se atrapalhou e acabou esbarrando na bolsa, derrubando-a sem querer. No momento em que os dois abaixaram-se para apanhá-la, sentiram-se tão próximos, que o toque de seus lábios foi inevitável. A boca quente e levemente molhada de Benê possuía o gosto salgado de suas lágrimas, despertando os instintos de ambos. Sentindo o perfume e a textura macia da pele daquela menina roçando suavemente em seus braços, o tempo de repente pareceu parar, e ele teve certeza absoluta de que precisava dela mais do que qualquer outra coisa na vida. Quando, depois de alguns minutos, conseguiram se desvencilhar um do outro, Miguel arrancou o carro levando-a para um lugar mais apropriado, onde os dois se entregaram àquela paixão, como se nada mais existisse no mundo.

Depois da primeira vez, a urgência com que eles se procuravam foi aumentando com o passar do tempo. Não havia mais hora ou qualquer circunstância que os impedisse de fugirem para algum lugar em que pudessem estar a sós. Como um vício, passaram a sentir necessidade dos abraços, dos beijos, do calor um do outro. Embora estivesse, a cada dia que passava, mais envolvido, Miguel sempre pensava que podia parar com tudo a qualquer momento. Que detinha total domínio da situação. Para que Margot não desconfiasse, ele orientou Benedetta a deixar o trabalho com a desculpa de que tentaria emprego noutro lugar. A menina inventou para a patroa que tinha sido convidada a trabalhar numa loja de roupas infantis e aproveitaria, assim,

para retomar os estudos no turno da noite. Mentiu que a mãe, muito satisfeita, aprovara sua decisão. Margot ficara feliz, pois Benedetta tinha se transformado numa moça muito bonita, merecendo trabalhar em um lugar mais harmonioso. Gostaria mesmo de promovê-la dentro da própria Sorrentino, porém naquele momento as vagas estavam todas preenchidas. Combinou, então, com Benê que quando surgisse uma brecha, mandaria buscá-la. Ajudaria muito se ela já estivesse mais adiantada nos estudos.

Uma única vez nos cinco anos que se seguiram, Miguel e Benedetta tiveram uma longa conversa a respeito do casamento dele com Margot. Àquela ocasião, ele pensou ter deixado bem claro à amante, que não pretendia em tempo algum separar-se da mãe de suas filhas.

- MARGOT -

Excelente sommelier, Margot especializara-se em analisar e qualificar os vários tipos de vinhos, ausentando-se durante dois dias da semana para comparecer ao Curso Técnico de Viticultura e Enologia da Universidade da Cidade. As aulas ministradas por ela no turno da tarde ocupavam o mesmo horário em que as filhas do casal, Roberta e Rossana, encontravam-se na escola, possibilitando desse modo que estivesse disponível à família durante a noite. Naquela tarde ela tinha incumbido seus alunos à tarefa de saírem a campo para juntos, distantes da professora enóloga, efetuarem a compra de algumas amostras de merlot e malbec a serem degustadas e debatidas no próximo encontro. Essa prática possibilitou-a ir direto para o escritório muito antes de seu horário habitual, feliz em poder fazer uma surpresa a Miguel.

A Empresa Sorrentino ocupava na capital os quatro últimos pavimentos do edifício comercial classe A. Dispunha da cobertura, referente ao décimo quinto andar, onde ficavam as salas da diretoria – uma de Miguel e a outra de Margot -. Também do décimo quarto andar, onde se localizava a sala de reuniões e demais escritórios. Do décimo terceiro andar onde estava instalada uma importante adega, a loja Matriz com um amplo lounge, o restaurante panorâmico, com espaço para eventos e degustação de queijos e vinhos, bem como do décimo segundo andar onde se encontrava a recepção central junto às salas de espera. O centro comercial, projetado com design arrojado, exibia uma arquitetura de vanguarda, sendo considerado um modelo à frente de seu tempo. Com exceção do andar térreo que era composto de portaria central, recepção, sala de serviços gerais, sala da segurança onde havia uma parede expondo vasto equipamento de monitoração, bem como o refeitório, vestiário dos funcionários e entrada de serviço; os demais pavimentos do prédio possuíam conjuntos comerciais ocupados, individualmente, por diferentes profissionais. Fazia parte do estacionamento a área externa do andar térreo e dois pavimentos abaixo do nível do solo. Miguel e Margot, conhecidos como o casal Sorrentino, haviam adquirido os respectivos andares há alguns anos, em uma empreendedora manobra de investimentos, com o auxílio do banco regional. A sala de Miguel situava-se à direita de quem saía do elevador na torre Alfa, na cobertura. A sala de Margot situava-se no mesmo pavimento, à

esquerda de quem saía do elevador, na torre Beta. Uma passarela projetada em formato de meio cilindro, fabricada com cobertura em policarbonato transparente, com uma extensão de quarenta metros, havia sido instalada de modo a ligar uma torre à outra. O elevador panorâmico situava-se bem no meio dessa passarela entre as duas torres. Ao abrir a porta quase se tinha a impressão de sair dele para o vácuo. Apenas o décimo quinto pavimento havia sido projetado com essa peculiaridade, por ser ele o andar da cobertura, passando assim a impressão de se estar caminhando pelo ar ao se cruzar a passarela.

Margot estacionou o carro em sua vaga particular naquela segunda-feira no meio da tarde e, enquanto o elevador panorâmico iniciava a subida ao topo, aproveitou para contemplar a paisagem da cidade, colocando seus pensamentos em ordem. Ajudara Miguel a dar continuidade àquele império e estivera presente nos eventos mais importantes do marido que, por sua vez, sempre fazia questão de exibi-la orgulhoso aos clientes da vinícola. Margot, além de ser uma mulher muito atraente, possuía conhecimento e carisma suficientes, para manter uma conversa no mesmo nível de interesse de quem quer que fosse. Ela orgulhava-se de jamais ter deixado o marido em situação constrangedora. Os dois formavam um casal bem-sucedido tanto nos negócios como na vida pessoal. Ela o amava e não tinha dúvidas quanto ao amor dele por ela.

Os dois juntos haviam transformado um trabalho artesanal, outrora apenas familiar, em um negócio promissor, bastante rentável. Da adolescência frequentada na mesma escola da pequena cidade de Bento Gonçalves, quando surgiram os primeiros sinais do amor que os uniria para sempre, até começarem muito jovens a trabalhar juntos na produção de vinhos artesanais que o pai de Miguel mantinha em um galpão localizado nas terras do sítio da família, tudo tinha transcorrido como em um conto de fadas. Miguel a levava ao altar e, desde então, nenhum dia sequer se passara sem que ela ouvisse dele uma declaração de amor. Algum tempo mais tarde, com a chegada das duas filhas, os dois formaram também uma família amorosa e feliz. As meninas, estudiosas e bem educadas, lhes eram motivo de orgulho, servindo como autêntico exemplo de herdeiras com um belo futuro pela frente. Gêmeas, lindas e inteligentes, Roberta e Rossana completariam 15 anos no próximo ano.

Aquele pensamento a fez lembrar que precisava organizar a festa de debut das meninas. Ela não compreendia direito o que estava acontecendo. Miguel parecia distante ultimamente. Mesmo assim não perdera o hábito de entrar em casa todas as sextas-feiras, após uma semana exaustiva, carregando nos braços um buquê de doze rosas vermelhas, as preferidas da esposa.

- Doze botões vermelhos. Um para cada mês do ano, para a mais linda de todas as rosas. – dizia ele ao depositar o buquê nos braços da mulher sempre com um beijo apaixonado. Na última sexta-feira não tinha sido diferente. Brindaram o encerramento de mais uma semana do faturamento, que apresentara saldo positivo além das expectativas, jantaram, tomaram um longo e relaxante banho de banheira, conversaram amenidades, riram felizes e Miguel fizera amor com ela como sempre, apaixonado. Tudo transcorrera como de costume, a não ser pela ligação que recebera. Ele dormia ao seu lado quando ela levantou-se para atender ao chamado insistente do telefone. Margot ouvira uma respiração pesada e em seguida o choro desesperado de uma criança. Era um bebê. Seu choro muito tenro denunciava poucos dias de vida.

-Alô! Alô! – repetira ela várias vezes sem obter qualquer resposta. Logo após um curto tempo que lhe parecera interminável a pessoa desligara. Aquilo a deixara intrigada, mas decidira não contar a Miguel. Afinal, podia ser apenas um trote ou um engano e ela não queria atormentar o marido com algo sem importância. Mas, o fato é que, aquele choro grudara em seus ouvidos como uma música ruim, desagradável e intermitente.

O elevador parou na cobertura e Margot encaminhou-se rapidamente em direção ao gabinete de Miguel, ansiosa em fazer-lhe a surpresa. Enquanto Valeska, alarmada e constrangida tentava avisar a chefe que o Dr. Miguel não se encontrava em sua sala naquele momento, Margot avançava a passos largos e em segundos já se encontrava dentro da sala do marido.

“- Não, Valeska não sabia informar onde exatamente o Dr. Miguel se encontrava”.

- “Não, Valeska não sabia precisar a que horas o Dr. Miguel estaria de volta -”. Sem conseguir disfarçar a decepção, bastante contrariada, Margot pediu que a secretária o avisasse, assim que chegasse, que ela o esperava em sua sala. Deu meia volta e, na mesma rapidez com que entrou na Torre Alfa, saiu dela

em direção à Torre Beta. Sentou-se à sua mesa e procurou preencher o tempo com as tarefas da semana até que ele retornasse.

A sala de Margot, embora tivesse o mesmo tamanho e, igualmente, dispusesse da linda vista para o lago Guaíba, ao contrário do clássico gabinete de Miguel, possuía a decoração em estilo contemporâneo. Tudo ali fora pensado com a visão adiantada para o futuro. A cor branca das paredes dava ao escritório um aspecto clean. Confortáveis poltronas de couro, também na cor branca, e plantas naturais quebravam um pouco do gelo futurista, emprestando ao espaçoso conjunto comercial uma impressão mais aconchegante. Grandes espelhos dispostos, estrategicamente, transmitiam uma ideia de profundidade. Uma folha de porta sanfonada, confeccionada em PVC branco, encontrava-se presa a um trilho superior pronta para ser deslocada de um lado ao outro da sala, dando a possibilidade a Margot de dividir o único ambiente em dois. Utilitários na cor marfim, com detalhes niquelados, sobre as mesas de tampos de vidro com pés cromados compunham o ambiente escolhido pela esposa do Dr. Miguel. Não havia cortinas nas janelas, de onde se avistava boa parte da cidade e do Guaíba até a margem oposta.

Ela ainda dispunha de computador pessoal, ferramenta que há poucos anos vinha sendo implantada nos escritórios mais avançados do país. Com o sistema informatizado Margot conseguia arquivar tudo em disquetes, listando e catalogando os vinhos da vinícola. Desde sua composição, como os diferentes tipos de uvas utilizadas na produção, passando pelo grau de amadurecimento e envelhecimento da bebida, até as sugestões de acompanhamentos, integrando-as ao prato ao harmonizar as refeições com perfeição. Então parou de digitar por um instante lembrando-se da inabilidade do marido com relação ao novo equipamento. Já estavam no ano de 1997 e ela não compreendia como Miguel ainda não demonstrava interesse em familiarizar-se com o computador, fazendo questão de dizer que era totalmente avesso a “certas modernidades”, sendo ele somente três anos mais velho que ela. Os aparelhos de telefone celular que ela e as filhas usavam para comunicarem-se diariamente tinham entrado na família há pouco mais de dois anos e Miguel teimava em não carregar o seu somente fazendo uso em casos extremos e em última necessidade. Dentro de dois meses a Internet estaria sendo implantada

em todo o centro comercial, e seria de muito bom tom que o diretor executivo e sócio majoritário da Vinícola Sorrentino, estivesse a par de como, efetivamente, funcionava a informática e a web como um todo. (...)

(...) Ele mal conseguia manter os olhos abertos. Após a madrugada de verdadeira tortura mental, a claridade do dia chegara como um potente sonífero, embalando o sono de Miguel como se o quisesse prender à cama pelo restante do dia. Margot o acordara com uma bandeja de café e em seguida levava-o até o banheiro, quase o empurrando para baixo do chuveiro frio para fazê-lo despertar daquele torpor. A reunião tinha começado pontualmente às oito horas. Miguel precisara improvisar adaptando boa parte dos documentos de uma parceria empresarial já existente.

Capítulo
TRÊS
- VINÍCOLA SORRENTINO –

“Não te estendas por muito tempo em fantasias para que elas não te levem a perder-te de ti mesmo.”

A serra gaúcha, com seu clima bem definido, privilegiada por características únicas e solos produtivos, sempre fora propícia ao plantio das videiras. O velho Giuseppe Sorrentino tinha herdado de seu pai, que por sua vez herdara do avô de Giuseppe, o gosto e a experiência na arte de cultivar a parreira, e dela extrair não somente vinhos de mesa, como também espumantes, sucos e doces. Essa cultura a família trouxera nas bagagens há muitos anos quando tinham se mudado da região da Campania para a região do Vêneto na Itália e de lá, alguns anos mais tarde, para o sul do Brasil, com as mudas de uvas Aglianico e Fiano para serem trabalhadas artesanalmente. Por alguns anos aquela produção fora suficiente ao próprio consumo e de amigos próximos. Sendo também comercializada direto dos portões da fazenda em garrações de cinco litros para algumas famílias da região. Porém, devido às dificuldades que todos tinham passado na Itália, os antepassados de Miguel preocupavam-se tanto com a própria família, que no Brasil procuravam manter-se sempre informados sobre de que maneira a cultura típica de sua terra poderia vir a proporcionar-lhes um futuro promissor.

Pensando nisso, logo após o casamento de Miguel com Margot, Giuseppe Sorrentino reuniu-se a portas fechadas com Giovanni Bianchi, o pai de Margot, decidindo os dois por unirem suas terras lindeiras no investimento e cultivo dos parreirais. Nada mudaram nas respectivas escrituras. Tão somente elaboraram um contrato onde foi registrado que enquanto nas porções de terras das duas famílias houvesse o cultivo das videiras, por seus familiares, ambas dividiriam os custos e os lucros em partes proporcionais. Com a bênção e o investimento de Giovanni que à época possuía maior quantidade de economias guardadas, os filhos, então recém-casados, aproveitaram a lua-de-mel, viajando com o pai de Miguel até Bordeaux na França, trazendo de lá as mudas da uva Cabernet Sauvignon e Chardonnay para serem plantadas na porção mais fértil de terra, que era a de Giuseppe Sorrentino. Ao retornarem da

viagem, os patriarcas testaram as novas videiras, optando por dar prioridade à variedade da uva preta bastante produtiva e que apresentava um bom índice de maturação. Formaram, então, um novo vinhedo, dando início ao plantio comercial e à produção dos tintos finos Cabernet Sauvignon.

A partir dali tudo começou a mudar em suas vidas, pois justamente aquela uva tornara-se o carro-chefe da Sorrentino, reproduzindo uma bebida de coloração intensa, com o aroma e o buquê bem marcantes. Desde então, praticamente, oitenta por cento das negociações da empresa passaram a ser debatidas e os negócios fechados em torno do tinto fino seco processado a partir da Cabernet Sauvignon. O vinho tornava-se ainda melhor com o envelhecimento, atingindo máxima qualidade depois de três anos, podendo ser armazenado, desde que, em condições ideais, por mais de quinze anos. Miguel recordava-se bem quando aquele tinto tornara-se a menina dos olhos da empresa, passando a ser comercializado em garrafas de menos de um litro. Para evitar atritos entre as famílias, Giuseppe e Giovanni tiveram a feliz ideia de lançá-lo à época com o rótulo “IL GIGIO”, em alusão às primeiras letras de seus nomes, tornando-o um sucesso absoluto de vendas.

Nas terras de Giovanni Bianchi, as uvas brancas Peverella e Niágara já existentes continuaram a ser cultivadas. Apenas foram acrescentadas àquele parreiral as mudas de Aglianico e Chardonnay das terras de Giuseppe Sorrentino diversificando, assim, toda a produção. Com o auxílio do financiamento bancário em nome de Giovanni, os patriarcas demarcaram o lugar para as escavações dando início à construção de uma pequena cave subterrânea, onde a bebida tradicionalmente engarrafada passou a amadurecer em condições ideais. De baixa temperatura e pouca luminosidade.

Desde então, o casal primogênito das famílias, Miguel e Margot, jamais parou de trabalhar junto, unidos nos esforços em comum pela busca por oportunidades ao seu próprio crescimento profissional e, constantemente, estudando a fim de aprimorar a produção. Não havia o que temer. O único entrave ainda se dava com relação aos altos impostos cobrados pelo governo referentes à exportação, e quanto a isso Miguel nada podia fazer. Desse modo e graças a sua fluência no idioma inglês, ele estava prestes a fechar mais uma parceria com comerciantes japoneses. Apoiado pelo pai que apreciava os esforços de seu filho no empenho em ampliar a carta de clientes, conquistando

sua confiança e fidelidade, Miguel mandou reservar as garrafas exclusivas com o novo rótulo “Don Sorrentino”. O próximo passo seria mandar separar inicialmente uma boa remessa daquela safra, a ser enviada diretamente ao porto da cidade de Rio Grande. (...)

(...) A estrada para a serra no mês de janeiro, em pleno verão, exibia uma paisagem belíssima com seus frondosos plátanos ladeando as curvas sinuosas. Os vales cobertos pela vegetação densa, enfeitada por pinheiros e araucárias típicas da região, transmitiam ao visitante uma sensação de paz e aconchego. O ar puro e o clima quente daquela época do ano sempre faziam com que Miguel, ao retornar para Porto Alegre, sentisse as forças renovadas. E era justamente isso de que ele precisava naquele momento; renovar suas forças. A dor de cabeça que começara durante a madrugada ainda não tinha passado. Ele esperava que, com a tranquilidade do interior, finalmente vendo-se livre do segredo que o atormentava, pudesse descansar de todos os problemas dos últimos tempos.

Levava em torno de uma hora e meia para rodar os cerca de cento e trinta quilômetros de Porto Alegre até a região do Vale. Esperava que a alimentação caseira que experimentaria ao chegar à casa do pai varresse por completo a dor desagradável que teimava em repetir-se em ondas, recolocando-o de imediato em condições normais.

Visitar a terra natal representava para Miguel muito mais que uma mera reunião de negócios. Cada vez que avistava os portões da Vinícola Sorrentino, sentia a mesma empolgação dos tempos de menino. Um misto de alegria e encantamento misturava-se a uma nostalgia muito grande. A felicidade tomava conta de seu coração. Seu entusiasmo e a expectativa em poder abraçar o velho pai e os irmãos, beirava a euforia. Apreciava chegar de surpresa, pois assim, sem avisar antes, conseguia ver as coisas tal como se apresentavam em seu cotidiano. Por isso fizera apenas uma parada no belvedere, em meio ao trajeto, para mostrar aos japoneses o cenário paradisíaco que se avistava lá de cima. Após tudo devidamente registrado, o grupo seguiu viagem com a intenção de chegar o quanto antes. Ao ingressar na linda região do Vale estrategicamente Miguel desviou do caminho seguindo por uma rota alternativa paralela à principal, pois aquela possuía placas indicativas com os nomes de outras vinícolas existentes na região. Garantia, com isso, que se mantivesse a

distância necessária entre seus clientes e os vizinhos concorrentes da empresa de sua família. Seguiu-o logo atrás o carro que os japoneses preferiram locar em Porto Alegre para, privativamente, debaterem colocando um ao outro suas impressões sobre a negociação.

Chegando aos arredores do município, Miguel contornou uma extensa fazenda, próxima à entrada do caminho de terra que levava à casa de seu pai. Então se deteve por alguns instantes conferindo a placa que havia mandado reinstalar após o último temporal:

“- **Vinícola Sorrentino** -“

(Atenção: Você está ingressando em uma propriedade particular. É necessário identificar-se ao chegar à guarita).

Grandes eucaliptos compunham o cenário de vegetação densa que se formara em ambos os lados da pequena estrada. Ele sentiu o coração saltar no peito ao rodar pelo acesso estreito, pois ainda apresentava-se tal como era em seus tempos de menino. Então as cenas da infância saltaram-lhe à mente, marejando seus olhos de lágrimas. Parou o carro em frente à guarita e olhou para cima apenas para certificar-se de que as letras V e S, as iniciais de Vinícola Sorrentino gravadas em dourado, ainda se mantinham intactas no alto da entrada de sua propriedade. O pesado portão de madeira exibia o formato convexo, estilizando duas metades de um gigantesco barril de carvalho que se abria de par em par. O guarda, reconhecendo o carro de Miguel, de imediato acionou o controle remoto abrindo, simultaneamente, e bem devagar as folhas do portão. Permitindo desse modo que os dois automóveis ingressassem em um mundo totalmente à parte.

Ao atravessar o grande barril, a primeira coisa que se avistava ao longe, em meio ao terreno montanhoso, era a antiga residência da família Sorrentino mantida, propositalmente, com certos aspectos desde quando fora construída pelo *nonno* de Miguel, o pai de seu pai. Destacava-se altiva, imponente, sobre uma grande colina verdejante bem no meio do parreiral que, por sua vez, possuía a singularidade de ter sido plantado em círculo no extenso terreno íngreme formador do vale ao seu redor. Nenhuma outra propriedade naquela região possuía tal peculiaridade que proporcionava aos visitantes uma sensação maravilhosa de encantamento.